

A Geografia Construída e a Geografia a Construir**

João Edmilson Fabrini**

Este texto é uma pequena síntese dos paradigmas da geografia; desde o seu surgimento como ciência no século XIX, aos dias atuais, passando pelo positivismo, neo-positivismo, marxismo, etc., além do vir a ser no pós-marxismo e a questão da pós-modernidade.

A geografia moderna tem início no final do século XIX, no entanto, já existia um conjunto de conhecimentos geográficos acumulados anterior a esta época; estas já haviam sido acumulados desde a antiguidade. O início da geografia moderna esteve marcado pela explicação ou descrição dos fenômenos naturais e comprometida com as posições políticas de seus fundadores e sob forte influência do positivismo como método de apreender a realidade.

Devido ao aprofundamento das relações de produção capitalista com a concentração de capitais e o surgimento de grandes empresas capitalistas houve a necessidade da expansão colonial e para isso, o acúmulo de um conjunto de conhecimentos geográficos "...os governos dos países mais comprometidos com a expansão colonial como a Inglaterra, a França, a Prússia e após 1871 a Alemanha, a Rússia, etc. estimularam a formação de sociedades geográficas que patrocinaram as expedições científicas ao interior da África, da Ásia e da América, a procura de recursos susceptíveis de exploração". (Andrade, 1987:49/50)

O determinismo ambiental foi o paradigma utilizado na geografia, em que as condições naturais determinariam o comportamento humano e o desenvolvimento estaria condicionado a estas condições "Os climas temperados são excelentes para a civilização...o calor excessivo, debilita... e o frio excessivo estupidifica..."(citado por Santos, 1986: 16). As idéias Darwinistas passaram a influenciar nas ciências sociais, como no evolucionismo de Hebert Spencer (Darwinismo Social). Segundo esta teoria realizava-se uma seleção natural através da luta das espécies, vencendo as mais aptas em vista de sua capacidade natural. Esta teoria justifica a dominação de um estado sobre outro (dominação colonial), e de uma classe sobre outra. Segundo Ratzel, grande divulgador das teses deterministas e que desenvolveu a idéia de espaço vital, a relação entre o número de pessoas de um Estado

* Trabalho final da disciplina: Epistemologia da Geografia Humana do curso de Pós-graduação em Geografia- Unesp/ P. Prudente.

** Aluno do curso de pós-graduação em geografia da FCT- Unesp/Presidente Prudente, desde março de 1992.

com o seu território está relacionado com sua capacidade de utilização. Assim, os territórios extensos representava o progresso, daí a necessidade de expansão.

* * *

Para rebater o determinismo ambiental, surge na França o paradigma do possibilismo, em que admitia que o meio exercia influência sobre o homem, mas dependendo do desenvolvimento de suas técnicas e disponibilidade de capital, o homem poderia modificar o meio. Esta geografia esteve ligada ao Estado e às classes conservadoras, já que era uma geografia institucionalizada e ligada ao poder público. Sua grande preocupação foi a descrição do meio e suas formas de utilização resultado da noção de gênero de vida.

A região foi considerada, segundo os possibilistas, como o objeto da geografia, conforme afirma Lobato. "A Geografia confundia-se com geografia regional".(Lobato, 1986:13)

* * *

Após a II Guerra mundial ocorre uma maior concentração de capitais e a mundialização das empresas monopolistas. A industrialização e urbanização passa a dar novo sentido à dinâmica espacial, levando a suplantação do método da geografia, surgindo a necessidade de adequação da geografia ao mundo atual, com formulação de novos paradigmas. O método Teórico-quantitativista passa dar sentido à nova geografia, que apesar de crítica, continuaria positivista, ou seja, neo-positivista.

Destacou-se por basear-se em modelos matemáticos e estatístico. "Condenou no ensino, o uso das excursões, das aulas práticas de campo, por achar desnecessário a observação da realidade, substituindo o campo pelo laboratório, onde seriam feitas as medições matemáticas, procurando visualizar a problemática através de desenhos e diagramas. Uma ala intitulou-se de teórica, para quebrar qualquer vínculo com os trabalhos empíricos, afirmando-se inteiramente comprometida com a reflexão teórica."(Andrade, 1987:107)

Com uma proposta pragmática e apresentando-se como neutra, a geografia será utilizada no planejamento capitalista. Sua expressão maior ocorreu nos Estados Unidos, na Escola de Chicago, Principalmente.

Utilizou a teoria dos sistemas e modernizou o organicismo, comparando as cidades a organismos vivos, como por exemplo com a idéia de fluxos e a funcionalidade dos sistemas.

Este método foi criticado por empobrecer a geografia, tornando-se mais distante da realidade, uma vez que a perspectiva histórica não se fez presente, e entendeu a superfície da terra de forma isotrópica. "Apresentava-se um discurso, na essência mais pobre, com uma linguagem mais rica e elaborada. Porém a sofisticação instrumental veicula um conteúdo mais simplista."(Moraes, 1981:110)

Outro paradigma da ciência geográfica que surge, também chamado de crítico, ou radical, mas que apresentava-se como crítico ao paradigma quantitativista e neo-positivista visto acima. SANTOS denomina essa nova vertente como geografia nova em seu livro "Por uma Geografia Nova", considerado como geografia de combate e trata da crítica à geografia a uma geografia crítica.

Ocorre agora, uma ruptura com o pensamento anterior, e com os positivismos, assumindo uma postura política crítica diante da realidade, entendendo o espaço produzido e reproduzido como resultado da luta de classes. "Do ponto de vista genético o espaço é analisável por intermédio da reconstituição da história de sua produção. Mas o processo de produção do qual o espaço-participa é assumido pela luta de classes criada pelo próprio processo produtivo."(Santos, 1986:214)

Nesta nova corrente ocorre a crítica ao empirismo da geografia tradicional e a aparente neutralidade da nova geografia, além da despolitização que via o espaço como harmônico e a visão que acobertava a relação entre os homens, como se a população de um determinado território fosse toda homogênea, sem a divisão em classes.

A geografia passa a ser entendida como um práxis revolucionária "...não basta explicar o mundo, pois cumpre transformá-lo"(Moraes, 1981:117), e passa a demonstrar as contradições existente na sociedade

Esta renovação da geografia teve como pioneiro Pierre George, que procurou explicar as contradições na sociedade capitalista, introduzindo conceitos marxistas na geografia (apesar de posteriormente romper com o marxismo), e questionando o papel dos grupos monopolísticos na produção espacial.

A crítica geografia tem apresentado uma diversidade de propostas metodológicas como a estruturalista, existencialista, eclética, pluralismo, etc., apresentando uma unidade no discurso, "unidade ética", mas uma "diversidade metodológica".

* * *

A abordagem feita até aqui é uma síntese da evolução do pensamento geográfico com destaque ao determinismo e possibilismo (positivista), geografia quantitativista (neo-positivista), e a geografia crítica ou radical (marxista). No entanto, hoje a geografia vive um momento de pós-ruptura epistemológica proposta pelo autores marxistas da década de 70 no Brasil. A geografia posta neste momento histórico necessita de algo que vai além da crítica às formulações tradicionais. MORAES afirma que dois parâmetros nortearam a geografia no seu processo de renovação. "De uma lado, a busca da racionalidade formal, anulando os processos, tomando os elementos do espaço como dados, quantificando a realidade e projetando modelos, enfim a leitura tecnoalienada da geografia pragmática, tentando se legitimar no cientifismo frio. Do outro lado a geografia crítica tendo como paradigma a utopia e como legitimação a incidência nos embates sociais."(Moracs, 1991:26)

Com os acontecimentos recentes ocorridos no mundo, como a queda do muro de Berlim e as transformações ocorridas no leste europeu, a formação de blocos econômicos em substituição aos blocos militares da guerra fria, acaba trazendo novas questões que devem ser pensadas no seio da geografia. Estas transformações estão ligadas aos métodos geográficos, pois as mudanças ocorrem com tanta velocidade e a geografia deve acompanhar esta evolução, pois mal chegamos a certos conhecimentos, e outros já se sobrepõem.

Hoje não podemos conceber a geografia unicamente à luz do marxismo ortodoxo ou heterodoxo. SILVA argumenta sobre o pós-marxismo e o espaço do cotidiano da seguinte forma: "A distinção entre o pós-marxismo ortodoxo e o marxismo heterodoxo representa um equívoco que instala, no âmbito da polêmica racionalismo x irracionalismo, um elemento contraditório que antialéticamente não é capaz de resolver o conflito, o equívoco apresenta-se, por exemplo, nos esforços inúteis, porque cansativos e sistematicamente enclausurados, da polêmica Lúcio Colletti ('A Crise do marxismo') x Perry Anderson ('A crise da Crise do Marxismo'). Os movimentos que ambos fazem para, de um lado, resgatar esse mesmo pretérito, são tragicômicos, mesmo quando há seriedade de propósitos e nem se quer representam novidade no interior da própria tradição original". (Silva, 1990: 59)

Dessa forma o "aqui e agora", passa a ser valorizado como fundamento de uma nova práxis. "a própria instrumentalidade negada impõe seus requisitos: a fita gravada se é o caso vai para o arquivo do intelectual informático, compondo os requisitos de uma nova história, fruto dessa nova práxis. Tenta ela libertar a mente do passado e do futuro. A intenção assemelha-se boa: livrar o indivíduo de seus fantasmas e da pressão da mídia. No entanto, o resultado é a eliminação da consciência teórica, e esse resultado mutila o 'histórico(genético) e o procedimento abstrativo-sistematizante (o que evidencia as leis e as tendências)', como diz Lukács." (Silva, 1990: 60)

A crise do marxismo e a necessidade de respostas a esta nova questão faz valorizar a "ideologia do cotidiano". O cotidiano por isso, alcança uma dimensão maior que contém a história, a geografia, a sociedade e a natureza.

Os paradigmas da modernidade (Positivismo, Neo-positivismo, etc.), estão em crise e a geografia de vanguarda apresenta-se esgotada e não há uma geografia que atenda as novas necessidades, para onde caminhar e o que fazer diante da realidade histórica atual. "A crise dos paradigmas da modernidade deixou o discurso hermenêutico : reflexivo crítico, vazio, até do advento do aparato da pós modernidade e seus efeitos sobre o saber...O método, enquanto paradigma, foi substituído no plural, por abordagens individualizadas que vão desde a construção epistemológica pessoal até a não comunicação..."(Silva, 1993: 01).

Diante desse contexto e das discussões em torno da questão da pós-modernidade, privilegia-se a tendência analítica em vez do discurso crítico/reflexivo de síntese.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - ANDRADE, M.C. **Sociedade e Espaço**. São Paulo. Atlas, 1987.
- 2 - LOBATO, R.C. **Região e Organização Espacial**. São Paulo. Ática, 1986.
- 3 - MORAES, A. C. R. **Geografia Pequena História Crítica**. São Paulo. Hucitec, 1981.
- 4 - _____ **Ideologias Geográficas**. São Paulo. Hucitec, 1991.
- 5 - SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo. Hucitec, 1986.
- 6 - SILVA, A.C. **Ponto de Vista- O Pós-Marxismo e o espaço do cotidiano**. in: Terra Livre
N. 07. São Paulo. AGB, 1990.
- 7- _____ **Geografia, Pós-modernidade e Metodologia**. P.Prudente. Inédito, Dat. 1993.